

O HOMEM DUPLICADO: TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM JOSÉ SARAMAGO. Nefatalin Gonçalves Neto – Inter-áreas – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

É nos meados do ano de 2002 que aparece nas livrarias um novo livro de José Saramago. O romance do escritor português traz em si todas as características mais comuns que diversos críticos já apontaram em sua obra: a paródia fina e cortante, sua ironia gritante e ao mesmo tempo sutil, os fortes enraizamentos políticos que a obra dissemina, as reflexões do autor implícito presentes no discurso narrativo, seu narrador plural e, por fim, as diversas intertextualidades que o texto permite estabelecer com a tradição do romance, seja este português, latino-americano ou universal.

No entanto, *O Homem Duplicado*, além de retomar certos lugares caros à narrativa de Saramago, traz, em seu interior, a retomada de um *Topos* ancestral e de grande uso pela literatura geral, a questão da duplicidade, e este vínculo formal que o romance mantém tanto com a atualidade quanto com a tradição é a porta de recepção que aqui estamos interessados em interpretar.

Retomando o *corpus* de autores que se valem da questão do duplo para compor sua narrativa, Plauto será o primeiro escritor ocidental a se valer do *Topos* em questão para compor suas comédias *O Anfitrião* e *Os Menecmos*, dando origem ao tema na literatura ocidental e possuindo um intento essencialmente humorístico, emprega-o apenas para realizar a confusão e posterior comicidade da obra.

A retomada de Plauto é feita logo após por Shakespeare, que adota a mesma postura do comediógrafo latino em sua peça *A Comédia dos Erros*, no entanto, como bem mostra o escritor Harold Bloom¹, instaura em seu escrito a questão da humanidade em suas personagens, que ora são sátiras, ora melancólicas.

William Wilson, de Edgar Allan Poe é o próximo escritor que retoma o tema do duplo, mas fazendo uma espécie de contraponto com Plauto e Shakespeare, pois parece, à primeira vista, que não toma por base seus livros, mas sim cria um novo enredo a ser trabalhado, por usar a questão do duplo não mais de uma forma cômica e sim como elemento intrínseco para o desenvolvimento, seja do enredo, seja do tema ao qual o conto vincula-se. Marcador fulcral do desenvolvimento do *Topos* do duplo na história da literatura, Poe se utiliza em sua ficção de elementos básicos que serão posteriormente analisados por Freud e outros psicanalistas para o desenvolvimento de uma teoria do sonho.²

Ora, esta marca de distancia proporcionada pelo conto de Poe em relação a Plauto e Shakespeare é encarada apenas como a marca do desenvolvimento do Dionisíaco dentro do *Topos* em questão, sendo assim uma oposição quase que direta a Plauto e Shakespeare, representantes do apolíneo.

A marca do dionisíaco, juntamente com a questão do psicológico instaurado por Poe na narrativa, vai ter em Oscar Wilde e seu *O retrato de Dorian Gray* um continuador direto, tanto na forma quanto na idéia descortinando a problemática da vida interior do ser humano, que tem em Dorian Gray seu representante. A decadência da vida humana é friamente desvelada e, valendo-se da questão do duplo, Wilde desvela a degradação moral que o Homem pode atingir, tensão que a narrativa mantém tão evidente que é impossível não acompanhá-la.

Em contrapartida a esse forte pendor realista e psicológico, Jorge Luis Borges vai escrever seu conto *O Duplo*, constante d'*O Livro de Areia*, e se utiliza da questão do fantástico e do maravilhoso para mostrar uma outra face da *Tópica*, atualizando e implantando a questão do duplo na Modernidade. Borges, ao escrever sobre o duplo, já revela em seu epílogo que o conto se trata de uma releitura de Stevenson³, que na realidade revisita toda a tradição do *Topos* para firmá-la em seu escrito e retomá-la de forma a dar-lhe continuidade.

¹ BLOOM, Harold. *Shakespeare, a invenção do humano*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

² Para tal, citar FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. (Edição Standard Brasileira das Obras de Freud V.4) São Paulo: Standard. s.d.

³ Prólogo. In: BORGES, Jorge Luís. *O Livro de Areia*. São Paulo: Globo, 1984.

É na fonte de Borges que José Saramago vai beber para escrever o seu *O Homem Duplicado*, um de seus romances mais ousados. A retomada do tema, aliás, está claramente indicada logo às primeiras páginas de *O Homem Duplicado*, já nos contatos iniciais que o leitor tem com o protagonista, Tertuliano Máximo Afonso:

(...) viver sozinho é um duríssimo castigo, mas uma tal situação, reconheça-se, ainda que penosa, só muito de longe desemboca em drama convulsivo, daqueles de arripiar as carnes e os cabelos. O que por aí mais se vê, a ponto de já não causar surpresa, é pessoas a sofrerem com paciência o miudinho escrutínio da solidão, como foram no passado recente exemplos públicos, ainda que não especialmente notórios, e até, em dois casos, de afortunado desenlace, aquele pintor de retratos de quem nunca chegamos a conhecer mais que a inicial do nome, aquele médico de clínica geral que voltou do exílio para morrer nos braços da pátria amada, aquele revisor de imprensa que expulsou uma verdade para plantar no seu lugar uma mentira, aquele funcionário subalterno do registro civil que fazia desaparecer certidões de óbito (...) (SARAMAGO, 2002, p.10).

Saramago, em seu livro não só (re)lê Borges como também visita toda a tradição do duplo para com ela dialogar e desenvolver a seu modo irônico, paródico e metatextual a grande novidade que seu romance vai desenvolver dentro desta *tópica*: a questão da vida do indivíduo perdido, vivendo num mundo problemático e tendo que encontrar uma motivação para continuar a lutar.

A fugidia e inapreensível realidade que se abre a cada instante, como caos, diante de um homem que luta desesperada e alucinadamente por decifrá-la e por decifrar-se se revela como a luta do ser humano em busca de ordenar seu próprio caos indo ao encontro de um Outro que, no fundo, é seu próprio Eu.

Redescobrir a si mesmo é o propósito de Tertuliano e o intuito que o escritor deseja que seu leitor atinja, descortinando uma luta contra o vazio, tersada em favor da humanidade e não mais de um homem só, encarado o tempo presente e os homens presentes, para expressá-los.

Relido por tais bases, encontramos uma chave que leva a outras proposições interpretativas, tanto de *O Homem Duplicado*, quanto da própria obra e do fazer artístico de José Saramago.

FAPESP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BLOOM, Harold. *Shakespeare, a invenção do humano*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
BORGES, Jorge Luís. *O Livro de Areia*. São Paulo: Globo, 1984.
SARAMAGO, José. *O Homem Duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BIBLIOGRAFIA:

- BAKHTINE, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a Teoria do Romance*. Trad. Aurora Forloni Bernardini. São Paulo: FUNDUNESP / HUCITEC, 1988.
BLOOM, Harold. *Shakespeare, a invenção do humano*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
BORGES, Jorge Luís. *O Livro de Areia*. São Paulo: Globo, 1984.
BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1989.
CALBUCCI, Eugênio. *Saramago: um roteiro para os romances*. São Paulo: Ateliê, 1999.

COSTA, Horácio. *José Saramago, o período formativo*. Lisboa: Coimbra, 1997.

COUTINHO, Eduardo Faria; CARVALHAL, Tânia F. *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LUKACS, Georg. *A teoria do Romance*. Trad. de Alfredo Margondo. Lisboa: Presença, s.d.

OLIVEIRA FILHO, Odil José. *Carnaval Convento: Intertextualidade e Paródia em José Saramago*. São Paulo: EDUNESP, 1993.

PLAUTO. *O Anfitrião*. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. *Os Menecmos*. In: _____. *Comédias*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1978.

POE, Edgar Allan. William Wilson. In: _____. *Histórias extraordinárias*. Trad. Brenno Silveira et alii. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____, *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SARAMAGO, José. *O Homem Duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SHAKESPEARE, William. *A Comédia dos Erros*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

_____. *A Comédia dos Erros*. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2004.

WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Trad. Januário Leite. Lisboa: Portugal, 1945.